

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	25.º Anno — XXV Volume — N.º 853	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	36000	18900	6950	120	10 DE SETEMBRO DE 1902	Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus. / OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 29 A 28 / Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Cretano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



DR. ALFREDO DA CUNHA
DIRECTOR PROPRIETARIO DO *Diario de Noticias*

A serenidade que se nota no retrato de Alfredo da Cunha mostra bem a tranquillidade de animo, quasi inalteravel, que elle possui.

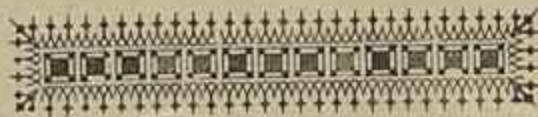
Das qualidades que mais exornam um character nenhuma lhe falta. Ao verdadeiro talento ajunta a mais operosa aptidão, que, bem cedo, lhe conferiu a necessaria idoneidade para as funcções que desempenha.

Ou dirigindo o importante jornal lisboense *Diario de Noticias* ou minutando, como advogado da Companhia dos Tabacos, as respectivas consultas, Alfredo da Cunha tem mantido sempre a mais extremada correcção.

E n'essa vida tão cheia de trabalhos ainda sabe aproveitar uns raros momentos de ocio para se entregar ao convivio das musas. Filho de poeta e doutorado em Coimbra logo na sua mocidade academica deu largas á inspiração, nas lindas composições que depois publicou no seu volume *Endeixas-Madrigaes e Rimas Soltas* e a que se seguiram as do livro *Versos*.

Alma de poeta e character diamantino Alfredo da Cunha tem ainda o dom de um tratto insinuante, sem excessos de affabilidade nem de affectada lhaneza.

Pelas suas elevadas qualidades lhe tributamos todos quantos o conhecemos a mais attenciosa consideração.



CHRONICA OCCIDENTAL

Devido á muita amabilidade da redacção da *Mala da Europa*, recebemos um exemplar da conferencia, que, sobre o *Elemento portuguez no Brazil*, fez no Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, o notabilissimo escriptor brasileiro, Dr. Sylvio Romero, um dedicado amigo de Portugal.

Aqui nos referimos já com gratidão ás palavras eloquentes com que a voz auctorizada de Sylvio Romero exaltou a nação, que *transplantada e transfigurada na America*, deu origem ao Brazil, sua maior honra.

Publicando agora em separado esta conferencia, quer assim a *Mala da Europa* mostrar sua adhesão á homenagem que em Portugal se prepara ao escriptor que tanto quer á lingua que seus paes

lhe ensinaram. A seu lado hão de estar quantos saibam reconhecer uma dívida da gratidão.

Entremos no bom caminho de tambem prestarmos homenagem a vivos e não somente escrever frases de maior elogio entre os travessões de necrologio, que, por lei fatal, ha de sempre vir cortar o nosso noticiario.

Coube agora a vez a Ferreira d'Almeida, um dos vultos mais em evidencia da nossa politica, distincto official da armada, que, em Italia, onde levára para reparações o cruzador *Vasco da Gama*, foi victima d'uma dolorosa e prolongada enfermidade. Genio arrebatado, gabam lhe quantos o conheceram excellentes qualidades do seu coração. Foi ministro da marinha com o partido regenerador e foi um dos socios fundadores da sociedade de Geographia. Como official da nossa armada era dos mais conceituados. Sobre as nossas colonias manifestou alguma vez o parecer favoravel á sua venda, como remedio ao nosso má estado financeiro, modificando posteriormente sua opinião.

Fomos, ha dias, visitados por uma divisão naval japoneza e por essa occasião deram os jornaes de Lisboa resenha da formidavel esquadra, das mais poderosas do mundo, que hoje possui o imperio do extremo oriente, onde foram portuguezes os primeiros europeus a desembarcar. Que voltas deu o mundo em menos de quatro seculos! O Japão está dos maiores imperios, desde que entrou no caminho de aceitar a civilização do occidente, Portugal tentam-o a que venda as suas colonias!

Avistámos por essas ruas alguns marinheiros japonezes, com os olhos obliquos muito intelligentes, maçãs do rosto salientes, bigoditos ralos.

Em má estação vieram a Lisboa, que deviam achar muito triste, sem o seu lindo céu de verão, sem a sua animação de inverno.

Já lá vai o Senhor da Serra, romaria que dizem ter sido este anno concorridissima. Com ella e o cirio da Atalaia, disseram adeus as festas populares.

Abriu o theatro da Rua dos Condes com a primeira representação da opera comica, *O Cão do Inglez*, que dizem ter agradado muito. A companhia é já diffinitivamente a que deve funcionar durante o inverno todo e tem como director o José Ricardo e como principal estrella a Loppiccolo.

E' esta a unica noticia a archivar de principio de inverno.

Lisboa continua na sua tristeza habitual, recebendo noticias do movimento que vai por certas terras da provincia e sobretudo á beira mar.

Quem poude ainda ver bellas coisas foi o professor francez, Mr. Viala, que tem percorrido, acompanhado pelos agronomos portuguezes, as principaes regiões vinhateiras do nosso paiz.

Tendo viajado pelo Douro, fez, na conferencia que realisou no Porto, o elogio de seus vinhos de tipo incomparavel.

Linda viagem fez, ainda que já o sol tenha doirado as folhas das vinhas e já comecem, por entre o tapete verde, a terrejar as serras.

Foi Mr. Viala a Collares e encantou-se com a formosura d'essa região sem rival, que é Cintra e nem a singularidade da plantação d'aquellas vinhas, em covas profundissimas, o poude distrahir da belleza do quadro que se lhe desenrolava ante os olhos. Encantaram-o o pincaro da Pena e o Castello dos Moiros, os cedros de Penha Verde e os velhos ulmeiros da estrada cobertos de musgo onde crescem os fetos. Viu na fantastica venda de Monserrate, ao lado dos fetos do norte, crescer toda a luxuosa vegetação tropical.

Marchou depois para Santarem e outro quadro muito diverso se lhe desenrolou ante os olhos; atravessou a ponte, foi até Almeirim e Alpiarça e poudo alongar a vista pelos bellos campos do nosso Ribatejo.

Da viagem que tem feito, inolvidaveis recordações deve levar, tanto mais que os portuguezes são hospitaleiros e tem recebido com toda a deferencia seu illustre hospede, a quem o governo portuguez acaba de agraciar com a commenda de Christo.

Tambem medicos e engenheiros portuguezes, em missão de lucta contra a tuberculose, agora se reuniram fóra de Lisboa e n'uma das mais bellas cidades de Portugal, em Vianna do Castello.

Na *Medicina Contemporanea* Bento Moreno fez uma descripção da formosa terra minhota e dos costumes de seus habitantes, antevendo a recepção que havia de ser feita aos homens de sciencia que tão dedicados se tem mostrado.

Um dos pontos mais discutidos foi o da fundação de bairros novos higienicos, que tão necessarios se tornam nas cidades em que a accumulção dos habitantes é o maior auxilio ao desenvolvimento dos microbios. Não sei se no congresso, entre os engenheiros, figuram alguns architectos. A estes é que competia fazer a planta das novas edificações, que, com serem pobres, podem entretanto sua belleza ter e não destoar do caracter da cidade onde sejam construidas. A hygiene não tem obrigação de pôr de parte toda a esthetica.

Discutindo-se a maneira de angariar os fundos necessarios para o combate do terrivel inimigo, falou-se mais uma vez de loterias e jogos, o que achou logo opposição em alguns dos congressistas.

É este o mez em que mais discutido anda a teimosia muito para elogiar do sr. Hintze Ribeiro n'esse assumpto. Dizem que as praças estão n'uma semsaboria pasmosa. Em vez de escolherem o sr. Hintze para alvo de sua maledicencia queixem-se os banhistas de sua falta de fantasia propria.

Em Lisboa, para manter-se o fogo sagrado-policial, houve dois assaltos, um ao club da Calçada do Marquez de Tancos, onde ninguem foi encontrado a jogar, e outro a uma batota pataqueira da rua de Caetano Palha d'onde foram levados meia duzia de pontos com meia duzia de mil réis.

Ganhar dinheiro ao jogo tem perigos, mas não dá trabalho. Os ladrões em Lisboa, com muito trabalho e muitos perigos, tem ultimamente muito dado que falar.

Depois da infamia das farinhas e da pavorosa da cerveja, depois das peripecias em viagens atraz dos moedeiros falsos, parece que havia um certo direito a descanso, quando surgiu a noticia do roubo ao cambista da rua do Arsenal, tendo os ladrões entrado pelo primeiro andar e aberto um furo no soalho.

Os ladrões são como microbios, fecundos em gerar ladrões. Os roubos raro apparecem isolados, mas sempre em série. Depois, sabendo da consideração dada ao dinheiro, seja a origem d'elle qual for, os ladrões tratam de ser gente de consideração roubando o mais que podem.

Entretanto, ainda até hoje os peores que nos appareceram foram os das farinhas, e, já que a imprensa levantou a questão, não deve esmorecer n'ella. Ao roubo juntava-se ahí uma verdadeira tentativa de assassinato.

Esta multiplicação de roubos por toda a parte revela uma sociedade profundamente immoral, pois a razão de serem muitos está sobretudo na consideração prestada á riqueza acima de todas as virtudes.

A fumigerada intrujona Madame Humbert todos sabem como estava relacionada na sociedade franceza. Que outras qualidades teria ella, além do dinheiro roubado, para assim atrahir a gente?

Até depois de lhe haverem posto a calva á mostra, ainda ficou celebridade. Raro é o dia em que uma ou outra agencia telegraphica nos não dá noticia de s. ex.ª e de sua illustre familia. Diz agora o *Daily Mail*, conforme telegrama de Paris, que a familia Humbert está no Uruguay, tencionando partir para o Brazil sob disfarce de exilados boers.

Já é vontade de fazer romance.

João da Camara



AS NOSSAS GRAVURAS

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO

É primeiro do que tudo um homem de coração a par d'uma intelligencia clara e de uma actividade e iniciativa pouco vulgar entre nós.

O sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, que tem sido levado ao parlamento pelo sufragio popular, tem sempre correspondido a seu mandato defendendo os interesses de seus eleitores, e d'elle se pôde dizer que é solícito procurador do povo, que nem sempre lhe tem agradecido.

Mas o sr. Costa Pinto pouco se importa com essas ingratidões tão vulgares, porque fica com a consciencia tranquilla e satisfeita por ter praticado o bem.

Por onde elle passou deixou ficar um rastro de luz benefica nos melhoramentos publicos que promove.

Todos estarão lembrados do que o sr. Costa Pinto fez pelos pobres pescadores da Costa da Trafaria, quando d'entre a devastação de um incendio que destruiu suas pobres palhoças, elle fez surgir casas mais confortaveis para os habitantes d'aquella terra.

Todos tem assistido á transformação operada pelo sr. Costa Pinto na villa de Cascaes a cujo municipio preside.

E quanto mais poderíamos citar se viessemos aqui fazer estendal de seus serviços.

É por isto que a nomeação agora feita pelo governo, do sr. Costa Pinto para provedor da Real Casa Pia de Lisboa, foi geralmente bem acceite, porque todos prevêem a boa administração do novo provedor.

Estamos certos que uma nova era de prosperidades vai ter aquella instituição de beneficencia entregue a tão solícito quanto activo provedor, pois que, apesar do cargo ser pesado, o sr. Costa Pinto o tomará de boa vontade porque lhe ajusta bem aos seus sentimentos altruistas.

EXPEDIÇÃO MILITAR AO BARUÉ

Continuam a ser favoraveis as noticias recebidas d'esta expedição militar, confiada ao commando de Azevedo Coutinho.

Chegada que foi a Loanda ahí lhes passou revista o valoroso commandante, encetando pouco depois a sua marcha para o interior.

Os telegrammas recebidos até hoje tem annuciado uma serie de victorias da expedição portugueza, das quaes a ultima foi a derrota do principal regulo do Barué, Macombe, o que provavelmente fará terminar a campanha, se não sobrevierem novas resistencias.

É realmente assombroso como com tão limitadas forças militares se tem alcançado victorias decisivas que a outros custam milhares de vidas, grandes movimentos de tropas e dispendiosas munições de guerra.

É que á parte o prestigio que os portuguezes tem na Africa, a resistencia, sobriedade e disciplina do soldado portuguez não tem outra que se lhe compare, e é assim que o nosso exercito hoje continua as tradições d'outros tempos que foram gloria para Portugal.

De Lisboa a Aldegallega, Pinhal Novo, Setubal e Palmella

De Lisboa para Aldegallega os ronceiros vapores da Parceria, ex-empresa Burnay, vieram substituir-se á antiga viagem na falua, que andava com o vento e com a maré. Aquella viagem incerta, demorada, rapida ou impossivel, conforme o vento ou a maré ajudavam ou contrariavam o designio do tripulante, succedeu a viagem morosa, vagarosa dos vapores, mas pelo menos mais certa e mais commoda. Duas vezes por dia, larga o vapor do Caes do Sodré, da vergonhosa ponte em derrocada, indigna de figurar junto aos caes de tão formosa cidade, e singra atravez da larguissima bacia do Tejo, passando em frente do Seixal, do Barreiro, do Montijo. Aqui, junto á pequena ilha em que se vê um chaler, em cujo ancoradouro permaneceu por longo espaço de tempo o arcabouço do vaporsinho de Santos Neto, o vapor

entra no sinuoso esteiro onde, ao cabo de mais de meia hora de percurso, chega á ponte-caes de Aldegallega. A paisagem d'esta região da margem sul do Tejo é ridente; terras baixas, onde por entre fracos pinhaes alvejam algumas casas ou se avistam os telhados de Sarilhos e a casaria mais extensa de Aldegallega. Na maré cheia, é um vasto lago, sobre que redemoinham as gaiotas, e que se espraia pelas marinhas, movendo os moinhos de agua onde se moem cereaes. Maré vasia transforma-se a paisagem completamente: bancos de lodo, cobertos de plantas marinhas, por onde correm os patos e aves aquaticas, e por entre os quaes serpeia o esteiro em sinuosas voltas, até á ponte-caes. Então, barcos de pesca, levam os pescadores que procedem á armação das redes, onde deve enleiar-se e ficar preso o peixe, quando novamente a maré vasar. Outros, rapazes ou homens, percorrem os mouchões, de perna nua, e cabaz no braço, recolhendo o camarão e a ostra. São atamadas as ostras do Montijo. No rio abundam o charroco, a tsinha, a dourada, a boga e outro peixe miudo. Na maré cheia o vapor orienta a sua marcha pelas balizas toscas, pinheiros cravados no lodo, que indicam o rumo por onde não ha perigo de encalhe. Barco de maior lotação corre o risco de ficar preso nos lodos, sempre que a altura da maré seja menor. Não poucas vezes succedido tem já o encalhe do vapor, condemnado n'esses casos, a conservar-se assim durante horas, até que a maré venha novamente trazel-o á fluctuação. Por isso os barcos que para alli fazem usualmente correira, são os de menor lotação, assim como tambem, por outros motivos, os mais deteriorados e velhos. Foram em tempo o *Isaura* e o *Furão*, presentemente o *Rio Tejo* e o *Lusitano*; raras vezes o *Victoria* que só pode navegar com muita agua.

A medida que nos approximamos da villa, onde se destacam por sobre os telhados as torres da igreja matriz, e junto ao caes o vasto edificio da cadeia, vai-se desenrolando mais e mais o panorama da casaria, até que porfim, chegado á ultima baliza, o vapor descreve uma volta e acha-se em frente do antigo caes, sobre o qual se ergue a pequena barraca de madeira, pintada de amarelo, — a estação dos vapores. Este caes de cantaria, construido por conta do Estado em 1852 pelo engenheiro Pezerat, fica na extrema de uma extensa avenida, em talude, lançada com muros de alvenaria sobre os lodos, n'um percurso de 315 metros.

Findou aqui a travessia. Esta viagem de Lisboa para Aldegallega e de Aldegallega para Lisboa era o caminho antigo de viajantes e mercadorias entre o Alentejo e a capital. Ali embarcou, em 1728, no seu regresso de Vendas Novas, o faustosissimo cortejo que acompanhava o rei D. João V e a nova rainha D. Marianna Victoria.

Vindo de Evora, onde se refugiara, acossado pelas victorias dos liberaes contra os exercitos do seu cunhado e intimo alliado D. Miguel de Bragança, veio o irmão de Fernando VII de Hespanha, D. Carlos de Bourbon a Aldegallega onde, sob a protecção da embaixada ingleza, embarcou em 1 de junho de 1834 n'um escaler britannico que o levou para a nau *Donegal*, a bordo da qual foi conduzido para Inglaterra.

Tambem, antes d'isso, em 1805 uma franceza, escriptora illustre, Laura Permon, mulher do marechal Junot, vinda por Hespanha, chegava a Aldegallega e d'ahi embarcava para Lisboa, onde vinha desempenhar o papel de embaixatriz da corte napoleonica, em companhia de seu marido, o destemido soldado do imperador. Laura Permon, a quem mais tarde, por dadiça graciosa de Napoleão, coube o titulo de duqueza de Abrantes, escreveu tempo depois nas suas interessantissimas memorias um trecho em que, descrevendo a sua viagem, assignala de uma forma bem frisante a impressão indelevel que no seu espirito culto de artista e de viajante, que levada na onda das glorias militares de seu marido havia percorrido a Europa, deixou este espectáculo soberbo de Aldegallega e da travessia do Tejo. Não posso furtar-me a reproduzir aqui, esse trecho, porque, julgando-o pouco conhecido de portuguezes, o considero digno de maior divulgação. Representa as expressões de sincero entusiasmo de tão illustre viajante, perante estes reconditos e ignorados logares da nossa terra patria, e a descripção calorosa das bellezas d'este quadro, cujos encantos a propria viajante confessa excederam quanto acerca d'elles encomiasticamente lhe haviam referido.

Diz Laura Permon:

«Dominou-me o pismo; e esquecendo os louvores que desde Paris até Madrid me tinham repetido, deixei-me seduzir pelo encanto d'aquelle magnifico e esplendoroso panorama que surgia ante mim. Não ha cidade alguma no mundo, julgo eu,

que offereça a perspectiva que apresenta Lisboa a quem chega de Hespanha; a extensa toalha de água, formada pelo Tejo, que em alguns pontos tem legua e meia de largura, limitada na outra margem por uma cidade immensa, erguendo-se em amphitheatro sobre os montes marginaes, e cujo porto, cheio de um sem numero de embarcações, simelia uma floresta de mastros, sobre os quaes ondulam as côres de cem nações diversas; visto que Portugal, na epocha em que falo, se achava em paz com o universo.

«Pode escrever-se e dizer-se que Lisboa é uma cidade grande e formosa, construida sobre um magnifico rio, com arredores lindissimos, um ceu limpido e abundantes perfumes; de tudo isto é facil tratar; mas pintar com a palavra ou com a penna, por muito eloquente que se seja ou se pretenda ser, o aspecto de Lisboa, quando a ella chegamos, vindo por Aldegallega, por Cacilhas ou pela Moita, é cousa impraticavel. A admiração que me causou, deixou-me impressão tão funda e inolvidavel, que ainda hoje, transcorridos annos, se conserva no meu espirito sem a menor alteração. Parece-me ainda estar vendo esta esplendorosa cidade, com o seu rio, os seus jardins, torres, conventos e palacios, esse quadro, talvez unico, illuminado e colorido em toda a sua belleza, por um sol radiante e quente, que ao tempo em que eu cheguei a Lisboa, ainda se não tornava importuno.

«A pouca distancia de Aldegallega, o panorama de Lisboa é extraordinario, mas sempre pittoresco. As margens accidentadas e recortadas do Tejo, formam como que uma unica cidade. No fundo do quadro destacam-se os agudos picos da serra de Cintra, elevando-se acima dos montes sobre que assenta a cidade de Lisboa. A direita, do meio das planicies, ergue-se a serra da Arrabida; depois, á medida que nos vamos acercando, parece que a cidade vai emergindo do seio das aguas. Distingue-se o arsenal, a praça do Commercio, o terreiro de trigo; á esquerda distinguem-se os montes de Belem e Ajuda, com a igreja e o palacio real.

«E quando, por uma formosa noite de primavera, se navega n'esse Tejo tão poeticamente celebrado, n'esse rio aurifero; quando se veem todas as bellezas de Lisboa e dos arrabaldes, desde as colinas de Sacavem até Belem e Ajuda, admirando as bellezas sempre novas de Almada, e da sua pittoresca igreja, até chegar a Pedrouços, comprehende-se bem o adagio dos portuguezes, quando dizem com orgulho:

*Quem nunca viu Lisboa
nunca viu cousa boa.*

«A noite que passamos em Aldegallega foi arrebatadora. Estavam as laranjeiras cobertas de flor e os seus pomos de ouro, sufficientemente maduros, constituíam já o fructo mais excellente e mais formoso; as romanzeyras, cobertas de flores purpuras, ostentavam-se nos vallados junto das pittoiras e dos geranios; e a par de tudo isto as palmeiras, as magnolias, as daturas.

«Tudo repleto de luz e de perfume, tudo vida e vida afortunada nas recordações que me restam d'esta noite memoravel. » (1)

Outro viajante estrangeiro, um frio, reservado e fleumatico inglez, mr. Hughes, não pode manter-se indifferente perante este mesmo espectáculo e exclama:—

«É delicioso o panorama do rio em frente de Aldegallega; as margens cobertas de vinhas e oliveas e d'entre elles surge o povoado, com as suas faluas de velas soltas no vento, a igreja com as suas duas torres truncadas e ao fundo por de sobre os pinhaes a egrejinha de Nossa Senhora da Atalaya, Palmella com o seu castello, sobre uma encosta abrupta, e uma fiada de montes em ondulações caprichosas se estende para um lado até Setubal e para o outro até a barra de Lisboa. . . .

«É um grande rio este Tejo! — o mais formoso da Europa: — muitos poetas assim o tem sentido e cantado a sua belleza.» (2)

É muito antiga a povoação, como quanto bem pobre d'essas reliquias archeologicas que tanto alegam o investigador erudito, e relatam as modernas gerações minudencias, curiosidades historicas da vida dos seus antepassados. Em Alde-

gallega, de monumentos antigos, apenas a igreja matriz — da invocação do Espirito Santo, de construcção antiquissima, com tres naves e columnas.

Por documentos do archivo da antiga casa do marquez de Sôidos está apurado que este templo, sob a invocação do Espirito Santo, existia em Aldegallega antes de 1511, e pelo que diz o P.^e Cardoso no *Dicc. geographico* se infere, que foi reedificado antes de 1550. So depois d'esta reedificação passou a ser a igreja matriz, pois que antes, era a capella de S. Sebastião, hoje annexa ao cemiterio da villa. (1)

A capella mór, estylo manuelino, é de pedra artozoada, que vandalicamente pintaram, e tem bellos azulejos datados de 1708. A primeira capella da epistola tem a seguinte inscripção:—

*Esta capella de Nossa Senhora da Purificação
estiuiram os omes trabalhadores desta villa, ano
de 1607.*

Na primeira capella do lado do Evangelho, lê-se:

*Esta capella da Madre Deos fizeram hos
mariantes destavilla. 1575.*

Por cima da janella do côro ha uma lapide onde diz:

*Restaurada em
1808*

A teia da igreja é de pau santo torneado, seiscentista. As paredes forradas de azulejos azues e brancos, em bellos quadros, de epocha seiscentista. O pulpito é de marmore, com grades de bronze.

A Misericordia da villa fundada em 1520, segundo consta de um livro existente no Archivo da Administração do Concelho, tem a sua egreja e hospital, no largo do Poço. É uma igreja pequena, em cuja capella-mór se vê em campã rasa a sepultura do fundador da Irmandade.

A campã tem um letreiro que diz:

*S.^a DE N.^o ALVZ PR.^a E DE
ISABEL DALMEIDA. SVA MO
I.HER. Q DA SVA CASA. FI
ZERAOM MORADA.
ATE O GRÃ DE DIA DO
SÑOR. ERA 1575*

D. N.^o ALVZ

Este D. Nuno Alvares Pereira, deve ser o 3.^o conde de Tentugal, filho de D. Francisco de Mello, 2.^o marquez de Ferreira. Foi Provedor em 1588. Falleceu em 28 de fevereiro de 1597. (2)

No pequeno archivo d'esta Misericordia muito cuidadosamente arrumado (singularidades da nossa terra! quantos outros archivos bem mais importantes se acham entregues ao mais deploravel abandono!) ha 5 livros de Tombo e de escripturas desde 1501, e livros de receita e despesa datados de 1553. A edição do seu compromisso é de 1705. Em 1589 adoptaram o compromisso da de Lisboa.

Antes da Misericordia havia na villa uma antiga Albergaria, na rua chamada do Hospital, a qual existia anteriormente a 1501, segundo se infere do Livro do Tombo da Misericordia.

Adeante da Praça dos touros ha tambem um grande predio cuja construcção denota grande antiguidade.

Segundo parece são escassos os documentos para a historia da villa, comquanto esteja muito bem organizado o archivo municipal. Por isso a seu respeito pouco se tem escripto, e o artigo de Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*, quasi nada nos refere. Os edificios de melhor apparencia que na villa se encontram, são o dos paços do concelho, á entrada da rua Direita, denominados o Paço, e nas lojas do qual se vendem a carne e o peixe, e o edificio moderno (1879) da cadeia e tribunal.

A maioria das casas tem o aspecto antigo, de

um só andar, lojas terreas, com portas e janellas revestidas exteriormente de rotulas, em que se abrem uns postigos ou adufas, por entre as quaes o mulheiro curioso espreita quem passa na rua. Modernamente porém, muitos predios e edificações novas tem sido feitas na villa, de magnifico aspecto e seguindo os modelos de construcção moderna.

Aldegallega tem bellas ruas, como a de José Maria dos Santos, uma vasta praça e bairros novos com extensos arruamentos.

Não nos propomos descrever a. Apenas registamos algumas notas de impressões. (1)

A população é extremamente laboriosa; vive exclusivamente entregue á labuta das suas industrias, ao fabrico do vinho, á matança dos porcos e cevados, á preparaçao da carne ensaccada, ao commercio de exportação, servindo esta localidade de mercado aos productos alentejanos. Era d'antes o emporio d'esse commercio, de que o caminho de ferro do Barreiro lhe cerceou uma boa parte.

No fim do verão, quem percorre as ruas de Aldegallega só vê as carretas cheias da uva pisada, que vem dos lugares, ou de balsas com vinho; dentro das casas da chacina só se veem as mulheres em volta de grandes mesas, na sua tarefa de picar a carne, fazer os enchidos e salgar o toucinho. Os vapores vem atulhados de carga, cestos vindimos cheios de cabeças de porco, de mantas de toucinho, de chouriço, de chispes; canastras de uva, de laranja, de romãs, potes e panelas de banha de porco; uma faina enorme de embarque, tudo ás costas de carregadores. No molhe muitas faluas á carga constantemente. Entre os passageiros do vapor não se ouve senão um unico assumpto de conversação — o negocio: — como vae o vinho este anno? — F. já vendeu o seu por tal preço, etc.

Um pregoeiro percorre as ruas annunciando em voz rouquenha o preço dos generos que ha no Paço — o peixe especialmente. Tambem lança em pregão qualquer noticia de interesse, por ex. uma alteração no horario do vapor.

De noite se fazem os casamentos e os enterros, no intuito de não desviar os laboriosos habitantes do activo exercicio de seus misteres. É imponente e lugubre o aspecto de um enterro, acompanhado por tochas, atravez das ruas da villa, até ao cemiterio, que fica na extrema, á beira da estrada da Atalaya. Na capella do cemiterio dita de S. Sebastião, é digno de reparo um arco manuelino de primorosa esculptura, que se encontra dentro e a meio d'ella.

Suja e fedentinoso como todas as povoações ao sul do Tejo, Aldegallega está cercada de ricas e formosas quintas, que produzem abundantissimos fructos. Estas quintas orlam as estradas que da povoação irradiam em direcção ao Samouco, a Alcochete, á Atalaya, á Moita e ao Pinhal Novo.

Continúa.

Victor Ribeiro.

Visitas d'El-Rei D. João V á Inquisição de Evora

No anno de 1725, a 7 de outubro, ajustaram-se em Madrid os artigos preliminares dos tratados para o casamento do principe do Brasil, depois D. José I, com a infanta hespanhola D. Marianna Victoria, e o do principe das Asturias, depois Fernando VI, com a infanta portugueza D. Maria Barbara, e, ultimadas as negociações, celebraram-se finalmente os desposorios dos primeiros na corte de Hespanha, e os dos ultimos na de Portugal. O fim d'estas reciprocas uniões era apertar os antigos laços de parentesco entre as duas familias reinantes, e com elles as relações entre os dois paizes, que durante muito tempo enfraquecera a guerra da successão á corôa de Hespanha, em que Portugal representou tão notavel papel, chegando as suas tropas, sob o commando do marquez das Minas, a entrar victoriosas em Madrid e a proclamar ahí o governo de Carlos III.

Com o anno de 1728 cuidou-se na entrega das princezas. Decidiram os reis D. João V e D. Filipe V fazel-a pessoalmente, encontrando-se nas extremas dos seus reinos, para o que foi escolhido o rio Cata, que junto de Badajoz os separa, e no qual se fabricou uma casa magnifica de madeira dividida em três compartimentos: um da parte de Portugal, outro de Hespanha, e outro intermedio, destinado á entrevista dos soberanos.

Não é nosso intento descrever aqui a grandeza com que D. João V realisou esta jornada, nem o acto da entrega. Basta sabermos que o acompa-

(1) Laura Permon, Duchesse d'Abrantes. — *Memoires de M.^{me} la Duch.^{esse} d'A., ou souvenirs historiques sur Napoléon, la révolution, le directoire, le consulat, l'empire et la restauration.* Quatrième édition. — Bruxelles — 1837.

(2) Hughes — *A few months of residence in Portugal.* — II vol. pag. 390.

(1) Leia-se a curiosa noticia do *Seculo*, de 22 de agosto de 1902.

(2) *Historia genealogica*, tomo XI.

(1) Para a sua descripção veja-se o *Seculo* n.^o 6611 de 8 de junho de 1900.

nhou a maior parte da corte; que no dia 8 de janeiro de 1729 sahio de Lisboa, embarcando perto das oito horas da manhã no bergantim real com o príncipe, o infante D. Antonio e os criados que o seguiam; que ás quatro horas da tarde entrou em Vendas Novas, onde pernitoou no palacio que para isso ahi mandara construir de proposito, e que no outro dia continuou a viagem, e, passando por Montemor, foi ficar a Evora, onde se demorou alguns dias. A rainha, acompanhada da infanta D. Maria Barbara, infante D. Pedro e pessoas da sua comitiva, partiu de Lisboa a 9; foi n'esse dia poisar a Aldegallega, no outro a Vendas Novas, e, por causa do máo tempo, só a 12 chegou a Evora.

Estiveram Suas Majestades n'esta cidade até 14, em que partiram para Villa Viçosa, e d'ahi para Elvas e para o Caia, e durante esses dias El-Rei andou vendo o que havia n'ella de mais notavel e visitando alguns mosteiros, a que deu esmolas, principalmente o da Cartuxa, padroado da casa de Bragança, e o de Santo Antonio, em cuja igreja estava sepultado o arcebispo de Evora, D. Theotónio.

Uma visita fez porêem D. João V, de que não nos consta rezem os historiadôres—a da Inquisição; nem é natural que a escrevessem, porque se guardou a seu respeito o maior segredo, em obediencia ás ordens de Sua Majestade; e é



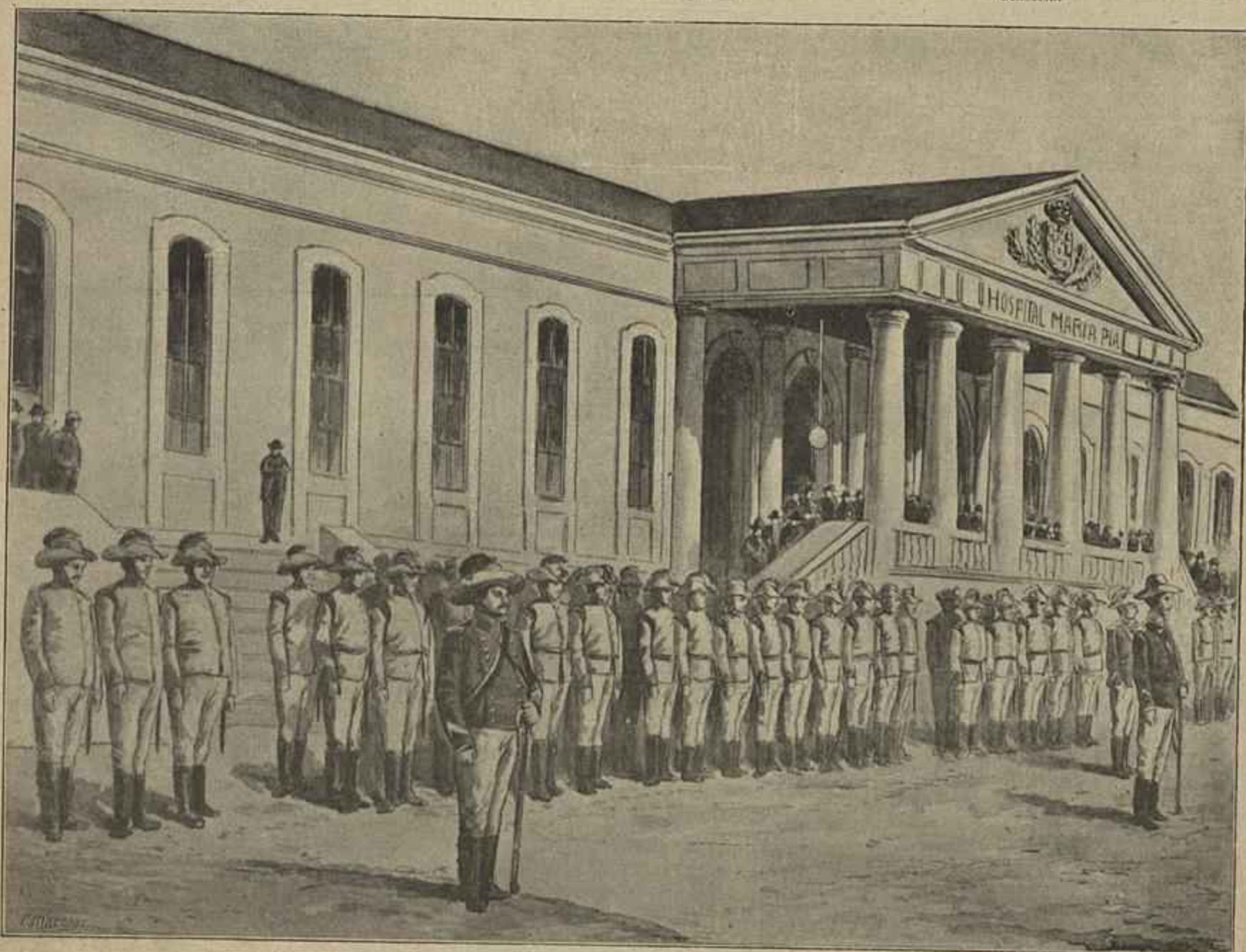
JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO — NOVO PROVEDOR DA REAL CASA PIA DE LISBOA

d'ella que nos vâmos occupar, transcrevendo o seguinte curioso documento. ¹

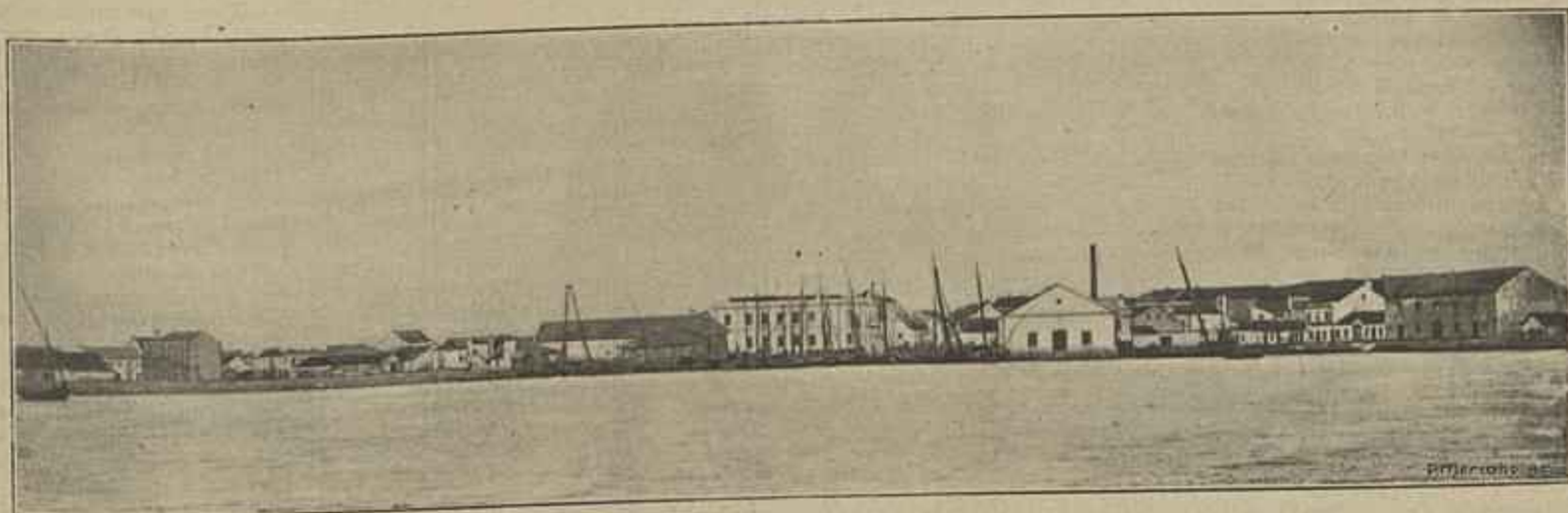
«Primeiramente, logo que chegou a esta cidade de Evora, ordenou Sua Majestade ao notario da Inquisição de Lisboa, Thomaz Feyo Barbuda, que fosse levar recado ao inquisidor da primeira cadeira, que determinava ir ver os carcerees em sua companhia d'elle e do seu physico-mor, para o que havia de determinar hora certa, e que, como ia occulto, não queria assistencia dos mais ministros; e que havia de fazer a entrada pela porta do alcaide dos carcerees; o qual recado accitou o dito inquisidor, e lhe respondeu que o que Sua Majestade lhe ordenava executaria na mesma forma, e que a toda a hora que Sua Majestade lhe fizesse aviso de que queria ir se abrir a porta do alcaide para por ella fazer a sua entrada.

«Em os 13 do mez de janeiro d'este presente anno de 1729 ordenou Sua Majestade ao dito notario, Thomaz Feyo Barbuda que dissesse da sua parte ao dito inquisidor que pela uma hora da tarde tinha determinado ir ver os carcerees em companhia das pessoas já ditas, ao que respondeu que

¹ Relação que o Hm. Sr. Cardeal da Cunha, Inquisidor-Geral, mandou fazer a esta Mesa do que Elrei nosso senhor passou n'ella nas occasiões que a ella veiu distarçado, mss. do Arch. Nacional, entre os da Mesa Censoria.



EXPEDIÇÃO MILITAR AO BARUÉ — REVISTA DAS FORÇAS EXPEDICIONARIAS EM LOANDA



ALDEGALLEGA

Cópia de uma photographia do sr. José Maria da Silva

faria o que Sua Majestade lhe ordenava; porém, sem embargo d'isso, Sua Majestade não veio á mesma hora que tinha determinado, porque, tendo sabido fora na manhã do tal dia, se recolheu tarde; mas veio depois das cinco para as seis horas da tarde; e a este mesmo tempo em que veio o tinha ido esperar o dito inquisidor á porta do dito alcaide, por onde fez a sua entrada, recebendo-o ahí com a reverencia devida; e logo Sua Majestade lhe falou com bastante agrado, dizendo que muito bem o conhecia, pelo que lhe beijou a mão. N'este tempo o veio acompanhando por dentro das casas do dito alcaide, entrando pela porta que faz serventia para os carceres, e descendo pela escada que fica no primeiro corredor de cima para os corredores de baixo, os quaes Sua Majestade andou vendo; e mandou abrir alguns carceres que estavam desimpedidos, examinando o que havia que ver n'elles. Reparou em alguns serem maiores que outros, por excederem na grandeza uns aos outros, e tambem em alguns serem bastante escuros, que mal se vê n'elles. Perguntou se costumavam estar alguns presos juntos, ou se estavam separados; ao que respondeu o dito inquisidor que algumas vezes estavam juntos quando não havia inconveniente para isso. Tambem perguntou que corredores eram os que houve quando teve principio a Inquisição.

«Logo depois de ter visto e examinado os ditos corredores e carceres, o que fez com toda a cautella, foi ver os corredores de cima, acompanhando-o o dito inquisidor; e subiu pela dita escada que faz serventia para os mesmos; os quaes viu; e entrou em alguns que estavam desimpedidos; e, perguntando pelos que tinham presos, mostrou-se-lhe um. Disse o dito inquisidor se queria Sua Majestade que mandasse abrir a porta do carcere e que falasse ao preso, que o estava por culpas de feitiçarias e encantador de animas; e, ordenando-lh'o assim, falou ao dito preso, fazendo-lhe algumas perguntas geraes: que visse o logar em que estava, e que devia cuidar muito n'isso e tratar do descargo de sua consciencia, e que já tinha tido tempo bastante para o fazer, e outras semelhantes a estas. A este tempo esteve Sua Majestade a uma ilharga do carcere, de sorte que o preso o não visse, e tendo mandado afastar o dito physico-mor; e esteve ouvindo as ditas perguntas que se lhe fizeram e respostas que o preso deu; e, por dizer que elle creara uma loba, a qual cubicara o senhor infante D. Francisco, foi motivo este que causou riso a Sua Majestade.

«N'este mesmo tempo perguntou aonde ficavam os carceres das vigias, dizendo os queria ir ver; e, por ser já tarde, se mandou vir uma vela accesa, para poder subir pela escada que faz serventia para os mesmos, acompanhando-o o dito inquisidor; e lhe foi mostrar o primeiro carcere, em que está um preso por culpas de judaismo, da villa de Extremoz, aonde Sua Majestade se poz de joelhos em a primeira vigia do mesmo, e ahí se deteve por algum espaço de tempo, vendo se via ao dito preso e o que este fazia; e, immediatamente que se ergueu, disse que vira muito mal o preso e que não pudera perceber nada do que elle obrava, e que no particular das vigias devia haver grande cautella a respeito do que as testemunhas juravam do que viam n'elles, porque áquellas mesmas horas podia acontecer que os presos que estivessem nas vigias comessem sem que as testemunhas os vissem comer; e que lhe parecia

imperceptivel poderem depor acerteziamente (*sic*) as testemunhas n'este particular, e se o tal preso fazia as obras de christão, rezando as avemarias ou não; e o dito inquisidor respondeu que as testemunhas não depunham senão do que viam; e que ainda áquellas horas se via bastantemente; e que ás horas de avemarias já todos os presos tinham luz nos carceres e se via tudo quanto elles obravam, e se rezavam as avemarias; e que a causa de não ver Sua Majestade áquellas horas o que o preso fazia era porque, tendo vindo da parte dos corredores dos carceres, onde havia luz, a falta d'ella que havia no tal lugar das vigias, que estava escuro, fazia com que Sua Majestade não visse melhor o que pretendia ver; e que as testemunhas que depunham dos jejuns, para fazerem prova acerca dos mesmos, deviam ser contestes nas coisas que viam e depunham de muitos factos e cerimoniaes e mais coisas que obravam os presos n'essas occasiões; que não ficava escrupulo algum aos ministros n'este particular para fazerem juizo certo sobre a materia dos jejuns de que ellas depunham; com o que se accomodou Sua Majestade, ficando de outra vez tornar a vir ver mais devagar os ditos carceres das vigias.

«Depois desceu pela mesma escada, acompanhando-o o dito inquisidor, e veio pelos corredores de cima á porta principal, que tem serventia para a Mesa da Inquisição, por onde entrou; e foi logo ás casas das audiencias, e n'ellas ajoelhou no topo da mesa a uma pintura de um retabulo de um crucifixo; e das janellas esteve vendo o

palacio do arcebispo, procurando fazer memoria da parte para onde ficavam, e o que mais se via d'ellas. Passou a ver o oratorio da Inquisição; tomou agua benta da mão do dito inquisidor, e n'elle ajoelhou; e ultimamente entrou pela saleta para a casa do despacho, a qual viu com muito vagar, examinando o que havia que ver n'ella; e perguntou se na mesma havia o livro intitulado *Directorium Inquisitorum*, e pelo sinete das armas do Santo Officio; o que tudo se lhe mostrou; correu ás janellas e abriu algumas, vendo as partes para onde ficavam e reparando muito n'isso.

«Depois que viu tudo o que havia que ver, lhe disse o dito inquisidor, se queria Sua Majestade entrar no Secreto, que se lhe abria, e, ordenando-lh'o assim, lh'o abriu, e por serem já avemarias se mandou vir luz, que levou o porteiro que estava na saleta; e logo Sua Majestade entrou pela porta do Secreto, levando juntamente consigo as pessoas já ditas; e á entrada, da parte da mão esquerda, olhou para uma taboa dos dias que se guardam n'esta Inquisição, assignada pelo illustrissimo senhor bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, a qual leu toda, e notou que n'ella se manda guardar o dia dos desposorios de Nossa Senhora, que se não guardava na de Lisboa; e lhe disse o dito inquisidor que em todas as Inquisições se guardavam os mesmos dias. Perguntou tambem se se guardavam tambem as vesperras dos dias feriados, ao que deu causa dizer a taboa no fim estas palavras: mandamos que os dias e vesperras dos santos de que n'esta taboa se faz



EGREJA MATRIZ DE ALDEGALLEGA

Cópia de uma photographia do sr. José Maria da Silva

menção se guardem como n'ella se contem; ao que satisfiz dizendo-lhe que eram só as vespéras dos dias de que na mesma taboa se fazia menção acima, e que a estes mesmos se referia em particular, e não a todos em geral. Entrou mais para dentro, e junto a uma mesa grande, que está da parte direita, aonde escrevem os notarios, viu estar um maço, que eram petições de pretendentes, e, vendo-as, as deixou estar, sem as mandar ler, mas advertiu que melhor fora que os inquisidores não corresse com semelhantes negócios, e que houvesse algum ministro deputado para isso mesmo. Chegou aonde está outra mesa mais pequena, aonde escreve o notario Francisco Gonçalves Calvao, por não caberem todos os notarios juntos na grande, e leu em um papel escripto pela mão do mesmo, que continha a memoria de uns nomes, que estava tirando para uns rotulos de maços de processos, que se tinham mandado reformar; logo ahi vindo um processo que estava sobre a mesma, o qual era de Hyeronimo Pimentel, christão-novo, medico, que tinha vindo da Inquisição de Lisboa, e estava para se entolar com outros, pegando n'elle, e lendo no rosto do processo, disse: este é o medico de Béja, que sahio no auto de Lisboa e ficou esperado ou reservado; e, pegando n'elle, o deu ao dito inquisidor, mandando-lhe que lesse o assento que se tinha tomado afinal, e, lendo-lh'o todo, esteve com muita attenção ouvindo; e, depois d'isso, leu os nomes dos ministros d'esta Mesa que assignaram; logo lhe mandou ler todos os mais termos e sessões do processo e assentos que se tomaram na Inquisição de Lisboa sobre a capacidade do dito Hyeronimo Pimentel e merecimento da causa, advertindo muito na variedade de votos e fundamentos que se tinham tomado sobre esta materia; e a este mesmo tempo Sua Majestade ia tambem lendo pelo processo algumas sessões, como foram as ultimas confissões que o réo fez na Inquisição de Lisboa, de que tudo mostrava ter bastante noticia, por perguntar especialmente pelas testemunhas que tinham dado o marquez de Alegrete e conde da Ericeira, que tudo se lhe leu; e ultimamente perguntou ao dito inquisidor que razão teria o Conselho Geral em receber no dito depois de o ter relaxado; ao que respondeu que não podia dar cebral razão a pergunta, pois ignorava os fundamentos com que se tinha votado n'esta materia; mas que suppunha que com as novas declarações que fez se alterara o estado de seu processo, que moveu o Conselho a tomar novo assento n'elle, recebendo-o; e, emquanto o dito inquisidor estava lendo, pelo processo ser volumoso e se ter dilatado bastante tempo em ler por elle, o mandou sentar, o que recusou. Esteve vendo tambem a mesa do promotor, que fica da parte esquerda, defronte da porta que tem serventia para a Mesa, e folheou em um dos repertorios, e nada mais; e então parou um pouco, e esteve falando com o dito inquisidor e mais pessoas já ditas sobre coisas da Inquisição, e entre ellas no caso de Francisco de Sá e Mesquita, dizendo que não podia comprehender o motivo que teve para dar tantas testemunhas falsas contra as pessoas de Béja; e, por serem perto das oito horas da noite, disse que eram horas de se recolher, e que determinava na volta que fizesse do Cayá por esta cidade tornar a vir ver mais de vagar a Inquisição e alguns processos mais; e sahio do Secreto, acompanhando-o o dito inquisidor, que logo ahi fechou a porta do mesmo com as três chaves costumadas; e, feito isto, veio até á sala grande da Inquisição, e ahi abriu uma janella, d'onde esteve vendo as luminarias. Perguntou-lhe o dito inquisidor se queria Sua Majestade sahir pela mesma para o pateo ou pela porta do alcaide, por onde tinha entrado, e disse que por ali queria sahir; e, vindo o porteiro e alcaide com duas tochas deante até ao descer da escada, indo no meio d'ella, os mandou retirar, advertindo que embaixo no pateo estavam creados seus, que o podiam conhecer; e, por ficar a escada algum tanto escura, o dito inquisidor lhe offereceu o braço para se encostar, a qual honra lhe fez, encostando-se a elle, levando-o assim pela escada até aos ultimos degraus, aonde se despediu, dizendo adeus e mandando os retirar.

(Continua)

Ramos-Coelho.

O esculptor portuguez Silva Gouveia

Publica-se em Paris, vae em dous annos, *La Revue du Bien dans la Vie et dans l'Art*, orgão mensal litterario e illustrado de todas as bellas e boas obras, tendo como redactor principal e director Mr. Marc Legrand, distinctissimo poeta, e entre

os escriptores francezes da actualidade a quem Portugal deve mais benemerencias.

Correspondendo cabalmente *La Revue du Bien* ás promessas do seu titulo, e tendo-se aberto como tal lugar honroso e bem destacado na litteratura parisiense, colhiendo-se de todos os seus numeros lição suggestiva e proveitosa, deparou-se-me a mim que sempre a faço, no seu ultimo n.º, o 8.º do 2.º anno, sahido em 1.º do corrente, artigo que vivamente me interessou, parecendo-me que o mesmo deverá succeder com todos os portuguezes que o leiam, pois referente ao sr. F. P. da Silva Gouveia, preclarissimo artista nosso que em Paris está concluindo seus estudos. Sob este ponto de vista accudiu-me o traduzil-o e trazel-o a benemerente redacção do OCCIDENTE para n'este o publicar, se d'isso o julgar digno. E' o que se segue.

Lisboa, 22 de agosto de 1942.

Rodrigo Velloso.

ENTRE OS ARTISTAS

O esculptor Gouveia

Pourvu que l'art s'y perpétue
La statue au corps divin
N'est pas moindre que la statue,
Mesurer le beau serait vain.

(Albert Méral.)

No numero dos portuguezes vindos a Paris a matar a sede no manancial vivificante da arte e do saber humano, deve abrir-se um lugar á parte para o esculptor F. P. da Silva Gouveia.

Bem proporcionado em sua pequena estatura, cabeça intelligente, illuminada por scintillantes olhos pretos, bigode e cabellos fartos, apresenta-se nobremente embuçado n'uma capa escura. Nascido no Porto a 18 d'agosto de 1872, ha sete annos que é nosso hospede, mas não ha sete annos que aqui trabalha pois que nos começos embriagado com a atmosphera da moderna Babilonia, deixou-se arrastar pelo exemplo, na onda de alegres e descuidados companheiros.

Esta vida facil, tão avêssa ao recolhimento que requer o verdadeiro talento, não lhe consentiu o continuar muito tempo com o seu primeiro professor Rodin a quem o apresentára o consul de Portugal, Eça de Queiroz. Nem por isso, porém, o Mestre deixou de ser seu amigo.

Depois de ter seguido durante dois annos os preciosos e amigaveis conselhos de Pucch, trabalhou na Escola das Bellas-Artes sob a direcção de Falguière. Comtudo, apesar da sua assiduidade, não foi admittido — é elle o proprio que o diz alegremente — senão ao quarto exame, e dos ultimos, na rua Bonaparte.

Foi com Injalbert e Rolard que se aperfeiçoou na arte de esculptor. Não sem graça, afirma-nos elle que, se não tem ainda a envergadura de Rodin, nem a sciencia de Injalbert — os dous mestres da força robusta e profunda — nem a graça de Denys Pucch, nem o realismo de Rolard, espera comtudo, com um pouco de intelligencia, poder utilizar as lições dos grandes mestres, sem os copiar. Porque é preciso que se diga, com sua altivez nativa Gouveia não acceta nenhum jugo intellectual, preferindo ser antes um fantasista, embora imperfeito do que um copista impeccavel mas sem alma.

Tem fé no futuro, e só pede a Deus que lhe alongue a vida. Comtudo é de uma iniciadora modestia e se lhe viessem dizer que está já nas condições e posição de dar lições a Donatello ou Miguel Angelo, como poderiam fazel-o desavergonhados lisongeiros, profanadores do passado, não os acreditaria!

Gouveia não é um academico; o seu talento aborda todos os generos. E' historico com a sua *Princesa Beatriz de Portugal*, que foi premiada com uma medalha de prata na Exposição de 1900, se bem alguns meticulosos historiadores de sua patria teriam achado a sua figura demasiadamente empertigada, esquecendo-se de que as mulheres da sua epoca não tinham talvez em seus admanes a graça flexuosa e ondulosa de nossas contemporaneas.

Apresenta-se-nos sentimental e sonhador com a sua *Saudade*, obra premiada no Salão de 1897 e suas delicadas figurinhas, verdadeiras Tanagras modernas. E' mundano com seus bustos, medalhões, retratos-estatuetas, entre os quaes citamos o seu amigo e publicista *Xavier de Carvalho*, e seu tio e protector *Caetano de Pinho*.

Adestrado decorador, modela admiravelmente delicados bibelots: espelhos, vasos, pesos para papéis, vendidos aqui e alli, em Inglaterra, na Austria, na Allemanha, em Paris, na casa Goldscheider, avenida da Opera. Está na memoria de todos

o seu *Exposto* ou *Abandonado* de que a *Revue du Bien* estampou, ha um anno, as primicias. E' uma pequena obra prima d'uma tocante realidade esse pequenino ser tão tristemente pendurado na orgola de portão de casa rica.

Emfim, e não é a face menos sobresaliente de seu talento, é humorista com um grande numero de caricaturas tão levemente esboçadas, e de tão curiosos perfis, entre as quaes figuram *Rodin*, na altitude do seu famoso *Balzac*; o fallecido consul de Portugal, *Eça de Queiroz*, um *Diplomata*, *Lord de Beresford*, todas esfusiantes de veia humoristica e perfectas na parecensa. A esta collecção acaba de acrescentar-se o divertido quatuor de estatuetas que se admiraram no ultimo salão dos Artistas Francezes, representando, de pé, os seus mestres ou amigos: *Denys, Pucch, Injalbert*, o actor *Dumeny* e *Marc Legrand*.

Por sem duvida esta galeria portativa de celebridades contemporaneas ir-se-ha augmentando com novos typos apanhados com os seus gestos habituaes, em suas attitudes familiares, e avolumará a reputação d'este descendente dos coroplastas da Attica, que usa nos seus cartões de visita do expressivo neologismo «statuetteaire.»

B. Fries.

UMA VALSA DE STRAUSS

I

Era a noite de S. Silvestre e havia baile na cõrte

Acabava de entrar a grã-duqueza na galeria, onde se achava a musica do regimento Krahwinkel, seguida da senhora de Wolkenstein, sua camareira-mór, cujo apparecimento causou sensação mais profunda que o da mesma grã-duqueza, e cujo passo pelas salas provocou dictos mais ou menos benevolos.

«Custa-me a crer que haja uma pessoa que se atreva a vir ao baile com um impies vestido de musselina, sem enfeites na cabeça, sem rendas nem pedrarias, exclamou a senhora de Rothenwald.

«Não succedia isto no meu tempo, acudiu, tomando uma pitada, a velha condessa de Nollingen, ex-grã-mestra de cerimoniaes da cõrte. Nem tal coisa poderia dar-se, nem a defuncto grã-duqueza o permitiria. Então estava a cõrte de outra maneira, e não tardariamos em ensinar os seus devotes a uma enfiatunda como essa Ottilia de Wolkenstein...

«Tia, tia, interrompeu Estephania, não viu o ramalhete que a Ottilia traz na mão? E' todo de magnificas rosas de Alexandria.

«Que estás a dizer, menina! replicou a senhora de Nollingen, rosas de Alexandria! Por S. Silvestre! Enlouqueceste? N'este tempo não se encontrariam nem nas estufas do grã-duque.

«E comtudo Estephania diz bem, ponderou a senhora de Rothenwald; eu tambem vi o ramalhete de Ottilia, e desejaría saber quem lh'o deu.

«Talvez fosse o principe, disse a ex-grã-mestra com um gesto de impaciencia.

«Não foi elle, não, minha tia; e se Ottilia não se acautela, o principe foge-lhe; está já meio enamorado da formosa lady Emily.

«D'essa ingleza que tem um cabelo que lhe chega á cintura? perguntou a senhora de Rothenwald.

«Sim, minha tia; como lhe fala de cães e cavallos, poderia muito bem succeder que Ottilia achasse n'ella uma perigosa rival. Mas, voltando ao ramalhete, parece-me que adivinhei o mysterio. Domingo estavamos no palacio da grã-duqueza, e Ottilia disse deante do conde de Ebersdorf que daria tudo que lhe pedissem por um ramalhete de rosas de Alexandria para o baile d'esta noite. Sabe que em Dilsheim ha um velho americano riquissimo que emprega rios de dinheiro no cultivo de flores, de sorte que em casa d'elle se encontram sempre as mais raras, tanto em janeiro como em junho.

«E que prova isso? interrompeu a senhora de Nollingen.

«Espere um pouco, minha tia: o senhor de Ebersdorf sahio de F... hontem á noite e regressou esta manhã, á hora justamente em que entrava de serviço no paço.

«E creê, disse a senhora de Rothenwald, que Frederico perdesse uma noite para ir a Dilsheim buscar rosas para a Wolkenstein? Se elle estivesse enamorado d'ella.

Estephania desatou a rir.

«Ai, que me parece que não anda cá por este mundo a minha querida amiga. Pois ainda não reparou que o conde ha quatro semanas não dança

NECROLOGIA

CONSELHEIRO JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA

Um telegramma recebido em Lisboa, no dia 5 do corrente, trouxe a triste noticia, infelizmente já esperada, do fallecimento em Liorne do conselheiro Ferreira d'Almeida, que ali se encontrava em commissão, presidindo aos trabalhos de reconstrução do *Couraçado Vasco da Gama* nos estaleiros dos constructores navaes Orlando.

Era o sr. Ferreira d'Almeida de boa tempera pois que conservou toda a energia de seu character até, por assim dizer, aos ultimos momentos de vida, tão prematuramente arrebatada, victima de um anthrax resultante de diabetes.

Nasceu José Bento Ferreira d'Almeida, em Faro a 7 de maio de 1847, filho de Manoel Joaquim d'Almeida. Assentou praça de aspirante de marinha extraordinario, em 20 de maio de 1867 e em 23 de outubro de 1869 foi promovido a guarda marinha, seguindo regularmente os postos immediatos até ao de capitão de mar e guerra, em 28 de março de 1901.

Foi official prestante e intelligente no desempenho das diferentes commissões de serviço que lhe confiaram, sendo as mais importantes as do commando das corvetas *Duque de Palmella*, *Estephania Couraçado Vasco da Gama* e das escolas de alumnos marinheiros do Algarve e do Porto, immediato da escola pratica de artilharia naval e instructor da mesma escola.

Governou de janeiro de 1880 a setembro do mesmo anno o districto de Mossamedes pelo que foi louvado pelo governador da provincia d'Angola.

Figurou na politica vantajosamente como parlamentar e ministro.

Deputado nas sessões legislativas de 1884 a 1901 em que foi nomeado par do reino, a sua voz fez-se ouvir sempre em questões importantes, muito especialmente nas de administração publica.

De temperamento sanguinio e arrebatado não conhecia correlegionarios ou adversarios quando possuido da justiça da sua causa. Isto deu logar a, em plena camara, na sessão de 1887, agredir corporalmente o ministro da marinha, então sr. Henrique de Macedo, por se julgar offendido por uma phrase d'este sr.

A sessão encerrou-se em desordem e o mi-

NECROLOGIA



CONSELHEIRO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA
JOSÉ BENTO FERREIRA D'ALMEIDA
FALLECIDO EM LIORNE NO DIA 4 DO CORRENTE

nisterio reunindo depois resolveu mandar prender Ferreira d'Almeida, o que assim se effectuou, sendo depois conduzido para bordo do *Vasco da Gama*.

A camara alta, que reuniu em 18 de agosto d'aquelle anno, sob a presidencia de Barros e Sá, representando o ministerio publico o conselheiro Annibal Martins, escrivão Luiz de Sequeira e advogado do reu o dr. Luciano Monteiro, para julgar Ferreira d'Almeida, condemnou-o por maioria a quatro mezes de prisão, levando em conta a já soffrida, de 7 de maio até á data do julgamento. A esta sessão assistiram setenta e um pares do reino.

Ferreira d'Almeida que primeiro se filiou no partido progressista, abandonou este partido, pelos motivos acima expostos e passou a militar no partido regenerador, mas com certa independencia, que de resto estava em harmonia com o seu character, pois que o faciosismo partidario não era sua feição, que lhe tolhesse o criterio ou calasse a voz da justiça.

Esta sua independencia não o impediu de aceitar a pasta de ministro da marinha em 1865, no ministerio presidido pelo sr. Hintze Ribeiro.

A sua gerencia n'aquelle pasta foi das mais fecundas em actos de administração tendentes á boa economia sem desorganização de serviços, antes cortando por abusos.

Foi sob sua gerencia que se organisou a primeira expedição militar a Africa, em 1893, inicio das que se lhe seguiram com tanto proveito e gloria para Portugal.

Com a morte de Ferreira d'Almeida perdeu a marinha portugueza um dos seus mais distinctos officiaes e o paiz um dos seus cidadãos mais prestantes.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Almanach dos Reporters para 1908 — Directores *Luiz da Silva e Albino Sarmiento* — Lisboa — *Livraria Moderna*, 1902.

Attingiu o seu quinto anno de publicação este interessante almanach, sempre acolhido lisonjeiramente pelo publico. Encerra um grande numero de artigos litterarios e poesias, acompanhados de uma vasta galeria de retratos de homens de letras, magistrados, etc.

O antigo periodico *Lisbonense Diario de Noticias* mereceu aos illustrados directores do almanach a maior attenção, publicando-lhe os retratos dos fundadores, redactores, administrador, grupo do pessoal typographico, etc., constituindo uma verdadeira homenagem áquelle importante jornal.

O commercio e a industria contribuíram tambem generosamente com os seus annuncios para tornar interessante e util o *Almanach dos Reporters*.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

O DICIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Francez, allemão, inglez, hespanhol, italiano e portuguez

EM UM SÓ VOLUME

Este utilissimo livro divide-se em tres partes: 1.ª Trata das diversas pronunciações figuradas. — 2.ª E propriamente o texto do Diccionario, tendo por base a lingua franceza. — 3.ª É o indice geral *alphabético de todas as palavras das cinco linguas* seguidas da respectiva traducção sempre em francez, que é a base do Diccionario, permitindo assim a consulta rapida do termo de que se quizer saber a traducção.

E esta 3.ª parte a chave do Diccionario e a mais importante para quem não conhecer todas as linguas.

Cabe a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta uma obra de tão grande valor



Premiado na
Exposição Universal de Paris
de 1900



PREÇO

PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA: Vol. broc. 5\$000, enc. 5\$500

EXTRANGEIRO: Vol. broc. 5\$500, ou Fr. 25

Capas para encadernação da obra a 500 réis

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

GIL VICENTE

Por Jacintho Ignacio de Brito Rebello

Um volume illustrado com os retratos do Poeta, de D. João III e D. Sebastião, Rainhas, D. Maria, D. Leonor, D. Catharina, Infantas D. Maria, D. Beatriz, quadro do Casamento de El rei D. Manoel, Custodia de Belem, vista de Guimarães, retrato de Garrett, Tumulo supposto de Gil Vicente, fac-similes, etc.

Já sahio do prelo e está á venda em todas as livrarias e na

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

O CYCLISMO

Manual e hygiene do cyclista
Indispensavel aos cyclistas, pelo
Dr. *** — 1 vol. illustrado com gravuras, 120 réis.

Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

Para 1903

Sae brevemente este interessante annuario.

Recêbem-se encommendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE ESTEVES PEREIRA

Romance de cavallaria
de capa e espada, recheado de aventuras
as mais extraordinarias

1 vol. illustrado com uma
capa a cores 200 réis, pelo correio 220 réis.

Descobrimto das Filippinas

PELO NAVEGADOR PORTUGUEZ
FERNÃO DE MAGALHÃES

Por CAETANO ALBERTO

1 vol. illustrado 500 réis franco de porte.

Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA